

A CABANA PRIMITIVA: CONTRIBUTOS PARA UMA TEORIZAÇÃO DA ARQUITECTURA

LA CABANA PRIMITIVA: CONTRIBUCIONES A UNA TEORIZACIÓN DE LA ARQUITECTURA

THE PRIMITIVE HUT CONTRIBUTIONS TO A THEORIZATION OF ARCHITECTURE

FELICIANO, ANA MARTA

Professora Auxiliar com Agregação, Faculdade de Arquitectura da Universidade de Lisboa, E-mail: amfeliciano@fa.ulisboa.pt

1 INTRODUÇÃO

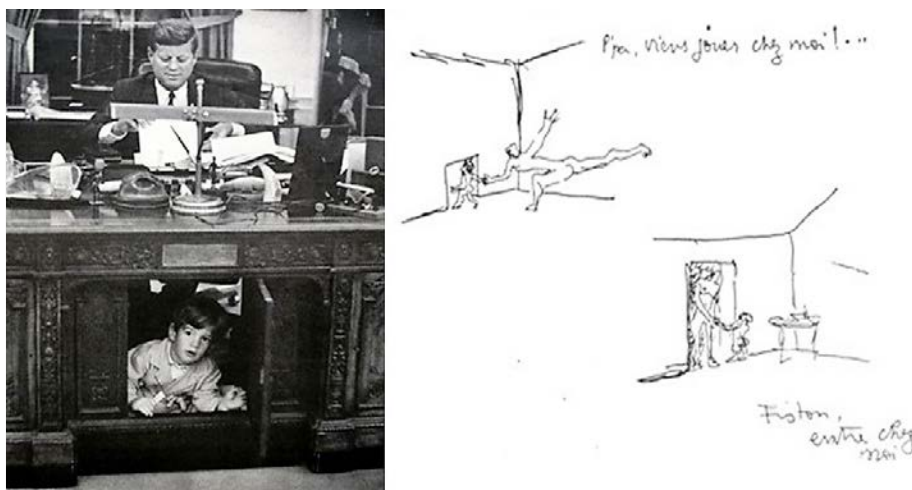
Durante os séculos XVIII e XIX e através da obra de um conjunto de arquitectos e pensadores, vai-se assistir a uma progressiva e efectiva consolidação da autonomia da arquitectura enquanto disciplina. Neste contexto, a cabana primitiva consistiu num importante referencial para a teorização da arquitectura. Um dos aspectos mais importantes desta teorização e reflexão em torno da cabana primitiva e da sua relação com a origem da arquitectura poderá ter consistido no progressivo entendimento da mesma, já não como objecto de imitação directa, mas sim como referencial ideal, processo que abriria caminho á construção da Modernidade e a uma evolução futura da arquitectura.

2 A CABANA PRIMITIVA: CONTRIBUTOS PARA UMA TEORIZAÇÃO DA ARQUITECTURA

Regresso até à infância ao observar a minha filha a inventar periodicamente o seu abrigo, a sua 'cabana', 'construindo' através de uma hábil recolha pelos quatro cantos da casa dos elementos necessários à construção desse espaço elementar de protecção, de jogo, de recreação. Todo um conjunto de perguntas me invadem. O que se torna neste acto mais determinante...? Será o sentido de protecção, relativamente ao meio envolvente? Será a possibilidade de construir para si própria um novo papel, uma nova representação de si própria conferida pelo jogo da cabana abrigo e do que nela se passa? Como é construída a 'cabana-abrigo' e que escala de mediação assume perante o seu corpo e o meio envolvente?

Sempre me admirei por esta brincadeira não ser por nós ensinada, ser imanente e parecer surgir de modo natural, como uma necessidade elementar de crescimento do Ser, como algo necessário à sua construção. Será então a construção do espaço de abrigo essencial ao Ser Humano? Será então a Arquitectura uma parte integrante da construção do Ser? Consistirá então o retorno á cabana/abrigo original, uma maneira de pensar a arquitectura em cada época?

Figura 1: Stanley Tretick. "John F. Kennedy Junior", 1963; Le Corbusier; "Le modulator 2", 1950.



Fonte: Wikipédia¹; sepblog².

Todas estas perguntas são difíceis e parecem conter longas viagens ao conhecimento humano.

Se olharmos para o percurso da História e da Teoria da Arquitectura, a presente temática assume-se como lugar de múltiplos campos de investigação e de uma constante procura do Homem se entender a si próprio e à arquitectura enquanto suporte existencial da sua vida e manifestação da sua capacidade de criação. Neste sentido, em distintos períodos e momentos de teorização arquitectónica assistimos a uma procura desse passado mítico, dessa primeira construção original, construção essa que segundo distintos autores transportaria os princípios elementares de construção carregados de uma pureza original.

Em cada momento histórico de retorno à cabana primitiva, o olhar de cada autor veio a colocar ênfases distintos em aspectos particulares da constituição deste abrigo original, olhar esse que não só se tornou possível face à evolução do conhecimento da sua época, como também acabou por projectar, na procura pela cabana original, as aspirações, os desejos, as questões intrínsecas ao seu tempo.

Assim acreditamos ser fundamental compreender a cabana original não tanto como uma realidade concreta a 'desenterrar' ou 'descobrir' algures perdida no tempo, mas sim como um desencadeante coerente e consequente para a criação arquitectónica em cada época, ideia que procura unir passado, presente e futuro na especificidade da obra arquitectónica enquanto acto que se projecta no tempo, constatação aliás expressa por Peter Zumthor quando confrontado com o acto de criação em arquitectura; "...O acto de projectar não é nenhum processo linear que nos leva a relacionar, de modo lógico e directo, a História da Arquitectura com a criação de um novo edifício (...). O acto de criação de uma obra arquitectónica vai para além da sabedoria histórica e manual. No seu centro encontra-se a confrontação com as questões do seu tempo..."³.

Partilhando deste entendimento, que entende a Arquitectura num universo informado pela História e pelos múltiplos aspectos da sua realidade cultural, torna-se então importante compreender a arquitectura enquanto acto de projectar criativo que procura responder às questões do seu tempo, acto este que enquanto síntese do seu momento deve portanto estar liberto de uma obrigatoriedade de leis ou regras imutáveis ou de uma anterior obrigatoriedade de imitação de modelos.

De importância fundamental para a progressiva aquisição desta autonomia de pensamento para a disciplina arquitectónica, poderemos encontrar na transição para o Sec XVIII, momento que ficaria conhecido por período Iluminista, o início da construção de uma verdadeira Modernidade na Arquitectura, pois este período voltará a invocar o tema da cabana original em busca de uma libertação de determinadas regras e de procura dos aspectos elementares fundamentais definidores da arquitectura.

Na realidade, desde final do século XV uma profunda transformação vinha-se desenhando, pois "... o Cosmos coerente cimentado pela razão que se acreditava conforme à Natureza, na realidade mais não fazia do que se autocontemplar numa Natureza que afinal se conformada à razão. A uma força reguladora do sistema central, onde as mediações se interpunham entre Homem e mundo real, sucederá agora uma força desmistificadora e centrífuga da experiência directa..."⁴. O período sombrio da Contra-Reforma, pautado por uma visão do Homem enquanto ser corrompido e subjugado por leis e por um Deus impenetrável, será necessário para a ocorrência de uma profunda transformação da sociedade ocidental. Assim, durante os séculos XVII e XVIII assistiu-se à emergência do Iluminismo, amplo movimento cultural, transformador do pensamento, no qual as novas ciências empíricas começariam a procurar fundamentar o seu conhecimento a partir da observação directa do mundo real, facto relevante que afastaria a ciência dos dogmas da Fé e abriria o caminho a uma verdadeira visão renovada do mundo natural, visão que seria fundamental para a construção do pensamento arquitectónico contemporâneo.

O retorno a uma reflexão sobre a Natureza como fonte de compreensão do mundo, o entendimento dos seus mecanismos de funcionamento e a crença de que o progresso humano dependeria agora de que o Homem fosse capaz de regular o seu comportamento, individual e social de acordo com as leis naturais, passaria a constituir-se como um dos eixos centrais do pensamento Iluminista.

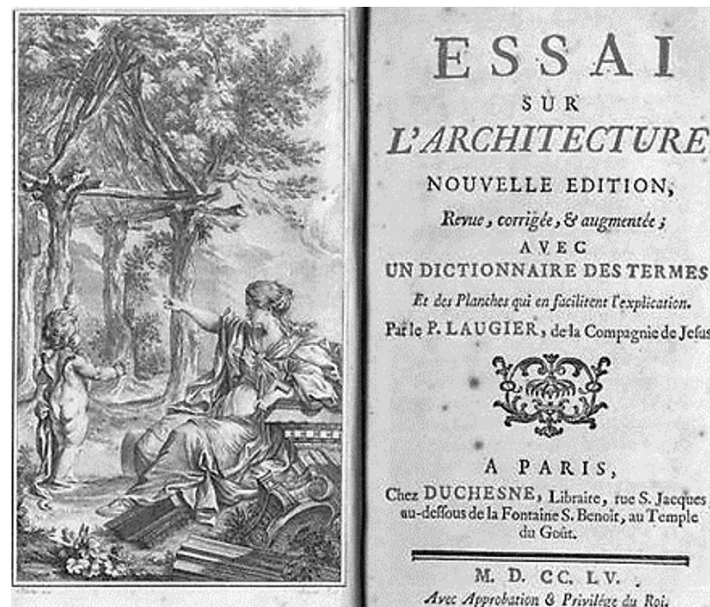
De facto podemos afirmar que o período Iluminista procurará pôr em causa a visão de um mundo baseado em certezas até então intocáveis, ditadas na maioria por crenças religiosas ou numa perfeita proporcionalidade do Cosmos, crenças estas que se encontravam profundamente enraizadas até então. A partir deste momento, e abrindo caminho à modernidade, uma nova sensibilidade começava a desenhar-se, procurando reger-se "... pelo simples e o pelo natural..." pois este "... é o único caminho para a beleza..."⁵.

Este entendimento contaminaria naturalmente o campo epistemológico da Arquitectura e os fundamentos da sua própria teorização. O retorno à cabana primitiva como processo de compreensão da origem da arquitectura e reflexão sobre os seus princípios essenciais ver-se-á assim, à luz deste novo contexto cultural, como importante tema impulsor de uma teorização arquitectónica que se tem vindo a desenvolver até aos dias de hoje.

Será neste contexto de mudança, que abriria caminho como já referido ao pensamento moderno, que devemos entender e situar o contributo de alguns teóricos do século XVIII e neste contexto, a obra fundamental “*Essai sur l’Architecture*”⁶, escrita e publicada por Marc-Antoine Laugier em 1753. Concretamente, nesta obra, o abade Laugier, pertencente á ordem jesuíta e teórico da arquitectura, começará por reflectir sobre a origem da cabana primitiva, e conseqüentemente sobre a origem da arquitectura, afirmando que “...o primeiro Homem quis fazer um alojamento que o protegesse sem sepultá-lo. Alguns ramos cortados no bosque foram os materiais adequados para o seu desenho. Escolheu os mais fortes e levantou-os perpendicularmente formando um quadrado. Colocou encima outros quatro transversais e sobre estes, outros inclinados, em duas vertentes, formando um vértice no centro. Esta espécie de tecto foi coberta com folhas, para que nem o sol nem a chuva pudessem entrar e estava assim o homem alojado. É certo que o frio e o calor fizessem sentir incomodidade, nesta casa aberta por todas as partes, e assim colocou-se palha entre os pilares e assim ficou seguro (...). A pequena cabana rústica que descrevi é o modelo sobre o qual se tem imaginado toda a magnificência da Arquitectura. É aproximando-se, na execução da simplicidade deste primeiro modelo, como se evitam os grandes defeitos, como se alcança a verdadeira perfeição. Mantermo-nos fiéis ao simples e ao natural é o único caminho para o belo (...) com um mínimo de conhecimento geométrico (o arquitecto) encontrará o segredo para variar até ao infinito...”⁷.

A obra de Laugier, da qual emerge a anterior afirmação, adquire particular relevância para o campo do pensamento arquitectónico, por, pela primeira vez, nela podermos encontrar quer uma base de pensamento racionalista assente nos princípios da ciência iluminista da época, assim como uma base de pensamento empírico, aberto à descoberta empírica do Mundo e à aceitação de um lado emocional que sempre existe nesta descoberta. Deste modo, a importância do seu “*Essai sur l’Architecture*”, consistirá no início de uma reivindicação da autonomia da arquitectura enquanto disciplina. Este processo consubstancializar-se-ia através de uma reflexão sobre os seus princípios elementares, procurados na pureza da cabana primitiva, entendendo-a agora não mais como criação divina a ser passivamente reproduzida, mas sim, e isto é muito importante, como realidade a ser conhecida empírica e emocionalmente.

Figura 2: Marc-Antoine Laugier, “*Essai sur l’Architecture*” (1753), gravura e primeira página da edição francesa, 1755.



Fonte: primitivehuts.blogspot.com⁸.

Mais concretamente, reforçando a procura dos princípios elementares da Arquitectura, Laugier defende um retorno à cabana primitiva, nela procurando descortinar os seus princípios essenciais e eliminar o acessório, o ornamento que vinha caracterizando o percurso da arquitectura, assim a cabana primitiva segundo Laugier seria formada por “...uma estrutura límpida formada por pilares e vigas, oriundos dos troncos das árvores. Para Laugier essa cabana primitiva era a origem da Arquitectura, sendo a arte da estrutura pura, cujos elementos essenciais são a coluna, a arquitrave e o frontão, os quais hão de cumprir as suas funções estruturais de origem, não havendo razão alguma para a aplicação de ornamentos...”⁹. No entanto, se bem que procura reflectir de modo racional sobre os princípios fundamentais que levariam à construção deste primeiro modelo primitivo, Laugier não resume a essência da Arquitectura a um modelo mecânico de pura construção, pois para ele “...é um erro crer que na Arquitectura tudo se reduz à mecânica, tudo se limita a

cavar fundações, a levantar muros, (...). A visão de um edifício construído em toda a perfeição da arte provoca um prazer e um encantamento dos quais não é possível se defender. Este espectáculo revela no momento, ideias nobres e tocantes. Ele faz-nos experimentar essa doce sensação e esse agradável êxtase que excitam as obras que carregam a marca de uma autêntica superioridade de espírito...”¹⁰.

A visão de Laugier será ainda particularmente importante para o desenvolvimento do pensamento arquitectónico contemporâneo, pois procurando reflectir sobre a cabana primitiva, procurava nela destacar o essencial do acessório como caminho para o belo, como caminho para a essência da Arquitectura, afirmando textualmente que “... a pequena cabana rústica que acabo de descrever é o modelo a partir do qual imaginamos todas as magnificências da Arquitectura, é na aproximação à simplicidade deste primeiro modelo que evitamos os defeitos essenciais, que agarramos as perfeições verdadeiras. (...) É nas partes essenciais que consistem em todas as belezas. Nas partes introduzidas por necessidade consistem em todas as licenças. Nas partes acrescentadas por capricho consistem em todos os defeitos...”¹¹.

Assim, as formas seriam a partir de agora trabalhadas, segundo Laugier, na sua acepção tipológica, procurando extrair delas as qualidades essenciais que estão para além da sua imagem directa exterior. Através da identificação dos princípios associados às ‘partes essenciais’, às ‘partes introduzidas por necessidade’ e às ‘partes acrescentadas por capricho’, Laugier inaugurará assim uma nova modernidade no sentido de uma teorização da Arquitectura, autonomizando-a como disciplina e simultaneamente libertando-a de regras exteriores à mesma, abrindo caminho à sua sucessiva reinvenção futura.

Complementando este novo entendimento dos princípios essenciais à arquitectura, extrapolados a partir da cabana elementar enquanto modelo, devemos igualmente realçar o contributo de Quatremère de Quincy, que na viragem para 1800 e através da sua teorização viria definir importantes contributos para esta temática. A cabana primitiva enquanto construção original profundamente interligada com a natureza e construída à escala do Homem e do seu corpo, artefacto humano que até aí se procurara reinventar num sentido de relação directa, de imitação formal dos seus elementos, passaria com Quatremère, a ser entendida numa nova relação de analogia que abriria caminho à contemporaneidade.

No seu “Dictionnaire historique d’architecture” publicado em 1832, deixa claro que, ao invocar a cabana primitiva, o seu conceito de imitação arquitectónica não é meramente directo, mas sim ideal. Ao colocar o problema da cabana, descarta a ideia de que esta se constitua como modelo a imitar directamente postulando alternativamente o conceito de “imitação ideal”. “Esta arte, em aparência mais tributária da matéria do que as outras, pode converter-se em mais ideal que aquelas, o que equivale a dizer, mais própria a exercitar a parte inteligente da nossa alma. Com efeito a Natureza não lhe permite reproduzir, sob o envolvimento da sua matéria, mais que analogias e relações intelectuais. A arquitectura imita menos o modelo no que tem de material do que no que tem de abstracto.”¹²

O pensamento de Quatremère de Quincy complementarará o contributo de Laugier, e será muito importante para a construção da Modernidade, pois continuando a olhar para a cabana primitiva, procurará compreender e preservar tudo o que ela transportava enquanto poderoso referencial cultural, no entanto abrirá definitivamente caminho a uma efectiva libertação da mesma enquanto referencial de um sentido estrito de imitação directa. “Quando falamos da árvore como matéria primitiva das habitações temos de ter cuidado com o tomar a palavra num significado demasiado positivo, directo, como vemos o que aconteceu com alguns teóricos, que pretenderam que a coluna fosse, sua primeira função, uma cópia da árvore. A árvore que aqui falamos é sinónimo de madeira. Não se trata nesta teoria de dar à arquitectura modelos a imitar de modo rigoroso. Veremos que tudo o que diz respeito à sua imitação está baseado na analogia, na indução e na livre semelhança.”¹³

Assim e para sintetizar, podemos afirmar, que durante os séculos XVIII e XIX e através da obra dos anteriores pensadores, vai-se assistir a uma progressiva e efectiva consolidação da autonomia da arquitectura enquanto disciplina. Neste contexto, a cabana primitiva parece ter consistido num importante referencial para a teorização arquitectónica. Um dos aspectos mais importantes para a evolução desta interrogação em torno da cabana primitiva e da origem da arquitectura poderá ter consistido no progressivo entendimento e consolidação da mesma, já não como objecto de imitação directa, mas sim como referencial ideal, processo que abriria caminho à construção da Modernidade e a uma evolução futura da arquitectura.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para sintetizar, podemos afirmar, que durante os séculos XVIII e XIX e através da obra dos anteriores pensadores, vai-se assistir a uma progressiva e efectiva consolidação da autonomia da arquitectura enquanto disciplina. Neste contexto, a cabana primitiva parece ter consistido num importante referencial para a teorização arquitectónica. Um dos aspectos mais importantes para a evolução desta interrogação em

torno da cabana primitiva e da origem da arquitectura poderá ter consistido no progressivo entendimento e consolidação da mesma, já não como objecto de imitação directa, mas sim como referencial ideal, processo que abriria caminho á construção da Modernidade e a uma evolução futura da arquitectura.

4 REFERÊNCIAS

ZUMTHOR, P. Pensar a Arquitectura. Tít. Orig. Architektur Denken; 2ª Ed. Ampliada; Editorial Gustavo Gili, SL, Barcelona, 2009, pp. 23.

PACZOWSKI, B. La maison comme nature et la nature comme maison, deux sources symboliques de l'habitat: la blessure et les racines. In : Rv. L'Architecture d'Aujourd'hui" n.º 227 ; "Bruce Goff 1904-1982"; Ed. Groupe Expansion, Paris, 1983, pp. 81.

BERGDOLL, B. European Architecture 1750-1890, Ed. Oxford University Press; Oxford, 2000, pp.32.

LAUGIER, M-A. Essai sur l'architecture. In Rykwert, J. La casa de Adán en el paraíso. tit. Orig. Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 1999, pp. 52.

RYKERT, J. La casa de Adán en el paraíso. tit. Orig. Editorial Gustavo Gili, Barcelona, 1999, pp. 52.

MIGUEL, J. Casa e lar: a essência da arquitectura. Disponível em: <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746>. Acesso em Outubro/2019.

Marc-Antoine Laugier; "Essai sur l'architecture"; 1ª edição; Paris; 1753; pp.i-15; 1ª edição em português; tradução de Igor Fracalossi; in <https://www.archdaily.co.br/br/01-169735/ensaio-sobre-a-arquitetura-marc-antoine-laugier>; acessado em 27 de Setembro de 2019.

NOTAS

¹ Disponível em: <https://i.pinimg.com/originals/c7/5d/0e/c75d0ee31f7e634030ec99dc9e48f43e.jpg>

² Disponível em: <https://sepcent.blogspot.com/2012/03/papa-viens-jouer-cher-moi.html>

³ Zumthor, Peter; "Pensar a Arquitectura"; Tít. Orig. "Architektur Denken"; 2ª Ed. Ampliada; Editorial Gustavo Gili, SL; Barcelona; 2009; pag. 23.

⁴ Paczowski, Bohdan; "La maison comme nature et la nature comme maison, deux sources symboliques de l'habitat: la blessure et les racines"; in Rv. "L'Architecture d'Aujourd'hui" n.º 227 "Bruce Goff 1904-1982"; Ed. Groupe Expansion; Paris, 1983; tradução da autora.

⁵ Bergdoll, Barry; "European Architecture 1750-1890"; Ed. Oxford University Press; Oxford; 2000; tradução da autora.

⁶ A obra "*Essai sur l'Architecture*" (1753), realizada pelo abade Marc-Antoine Laugier, é o mais conhecido dos seus ensaios sobre Arquitectura publicados em 1753, embora só em 1755, numa segunda edição, a obra passaria a integrar a gravura que se tornaria icónica da dita 'cabana primitiva'; nota da autora.

⁷ Marc-Antoine Laugier; "Essai sur l'architecture"; (1753); in Joseph Rykwert; "La casa de Adán en el paraíso"; tit. Orig. "On Adam's House in Paradise. The idea of the primitive hut in architectural history" (1974); Editorial Gustavo Gili; Barcelona; 1999; pág. 52; tradução da autora.

⁸ Disponível em: <http://primitivehuts.blogspot.com/2015/06/the-primitive-hut.html>

⁹ Interpretação do "Essai sur l'architecture" 2ª edição de 1755; in Jorge Camiello Miguel; "Casa e lar: a essência da arquitectura"; <https://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/03.029/746>; acessado em 2 de Outubro de 2019; pág. 7.

¹⁰ Marc-Antoine Laugier; "Essai sur l'architecture"; 1ª edição; Paris; 1753; pp.i-15; 1ª edição em português; tradução de Igor Fracalossi; in <https://www.archdaily.co.br/br/01-169735/ensaio-sobre-a-arquitetura-marc-antoine-laugier>; acessado em 27 de Setembro de 2019.

¹¹ Marc-Antoine Laugier; "Essai sur l'architecture"; 1ª edição; Paris; 1753; in Joseph Rykwert; "La casa de Adán en el paraíso"; tit. Orig. "On Adam's House in Paradise. The idea of the primitive hut in architectural history" (1974); Editorial Gustavo Gili; Barcelona; 1999; pág. 52; tradução da autora.

¹² Juan Calatrava Escobar; "Arquitectura y naturaleza. El mito de la cabaña primitiva en la teoría arquitectónica de la ilustración"; *Gazeta de Antropología*; 1991.

¹³ Juan Calatrava Escobar; "Arquitectura y naturaleza. El mito de la cabaña primitiva en la teoría arquitectónica de la ilustración"; *Gazeta de Antropología*; 1991